

## Prólogo: O Retorno do Rei Caído

*Demônios não sentem dor.*

*Demônios não sentem dor. Isso é um fato indiscutível. Se sentissem dor, porque insistiriam em brigar quando a derrota já era inevitável? Porque insistiriam em se mover, com seus corpos em frangalhos, suas mentes desligadas e seus poderes superados? Demônios são imunes ao sofrimento terreno imposto para os humanos e é por isso que são poderosos. Demônios não sentem dor. Não sentem. Demônios não sentem dor.*

*Mas por mais que repetisse isso para si mesmo, naquele instante Aeron estava tomado por uma única certeza capaz de se sobrepor a qualquer fato e a qualquer afirmação.*

*Estava doendo. E estava doendo muito.*

*Erguendo sua cabeça para cima (ou para baixo, dependendo do seu ponto de vista), ele lançou sua voz aos céus na forma de um urro capaz de quebrar montanhas. Com seu corpo inteiro envolto em agonia, ele berrou como nunca tinha berrado antes, fazendo seus próprios ouvidos hesitarem diante de um som tão hediondo. Aeron gritava, mas por mais que gritasse, a dor não o abandonaria. Ele seria punido, e seria punido com muita, muita dor.*

*Uma vez um demônio poderoso, Aeron já havia se esquecido do que era ser fraco e vulnerável. Já havia se esquecido do que era ser humano e sentir dor. Os asuras mais novos talvez ainda se lembrassem daquela época anterior, mas Aeron havia apagado seu passado. E nada poderia ressuscitar um passado apagado. Mesmo aquele turbilhão de sensações era incapaz de acordar suas memórias mortas.*

*Dessa forma, Aeron não cedeu à dor. Sabia o que tinha feito, sabia porque estava sendo punido. Mas em nenhum momento se arrependeu. Arrependimento era um sentimento humano, um sentimento morto e enterrado, e ele poderia morrer mais mil vezes que esse sentimento não iria voltar. Acontecesse o que acontecesse, Aeron não iria se arrepender.*

*E foi por isso que ele quebrou.*

*Aeron havia sido derrotado. O invencível Aeron. Havia sido derrotado e havia regredido a um estado lamentável em que a menor das dores fazia seu cérebro dar voltas e mais voltas dentro do seu crânio. Em que o menor dos ferimentos fazia seu corpo inteiro se contorcer, sua garganta se dobrar e berrar e seus punhos golpear o ar, buscando por inimigos invisíveis.*

*Ele havia saboreado a derrota, mas não uma derrota qualquer. Ele havia saboreado a ascensão, havia saboreado o apogeu do seu império. E agora saboreava a pior de todas as quedas. Aeron, o primeiro dos asuras, tinha sido posto abaixo e largado para morrer. Mas ele não morreria. Ele não morreria não importa o que fizessem a ele. Ele era imortal, invencível e incrivelmente poderoso. Ninguém poderia matá-lo. Ninguém. E seus inimigos sabiam disso.*

*Aeron não podia ser morto e também não podia sentir dor. Bem, pelo menos não antes.*

Agora ele agonizava como um animal e a certeza da imortalidade lhe parecia fraca. “Que me matem”, pensava ele. “Que eu morra”. Seria melhor morrer como um rei do que viver para sempre naquele lugar terrível e escuro, aprisionado num leito eterno de dor e sofrimento, enquanto outros colocavam as nádegas em seu trono de ébano. Aeron estremeceu por um instante, se lembrando dos rostos dos traidores.

*-HEL! -gritou para o nada. -HEL, EU VOU SAIR DAQUI! ESPERE POR MIM, HEL!*

*Dizer isso normalmente teria erguido um sorriso em seu rosto. Mas dessa vez ele foi incapaz de sorrir. Sentia dores demais para sorrir. Ao invés disso, lágrimas salgadas deslizaram pelo seu rosto em agonia. Lembranças de uma época distante demais. De uma época em que o primeiro dos asuras derrubou suas lágrimas por alguém.*

*-Hel... -balbuciou, com sua voz fraca e lamuriosa. -Porque fez isso comigo... Porque... Eu era o rei... Eu era o rei, o único rei. E você era minha rainha... Hel... Hel.. HEL!*

*Voltando a berrar como um lunático, o demônio mais poderoso que já existiu agitou suas asas, tentando se erguer sem conseguir. Suas penas tinham sido arrancadas, e naquele lugar sombrio nem mesmo um anjo conseguiria voar. O que não dizer de um demônio? Aeron não iria voar, não iria cair, não iria se mover. Não iria morrer, não iria viver.*

*Iria simplesmente existir.*

*-Günther... -começou a dizer, depois de um longo tempo. -Günther... Onde está você? Porque não está aqui, comigo? Günther, volte pra mim. Günther... GÜNTHER!*

*Aeron, O Destruidor, o Asura primordial, viu a si mesmo implorando por ajuda.*

*E então foi tomado por um sentimento terrivelmente nocivo. Aeron era um demônio, o maior de todos eles. Ele era um demônio e não era atingido por sentimentos tolos. Aeron era uma besta gerada pelo ódio. Ele se movia pelo ódio, existia pelo ódio e a única coisa que fazia era odiar a tudo. Seu único prazer era destruir. Somente na destruição ele se permitia ser tocado por uma alegria deturpada e gargalhava sozinho, longe dos limites da sanidade. Aeron era um demônio, o mais poderoso de todos. E não podia sentir vergonha de si mesmo.*

*Mas ele sentia.*

*-Eu fui o rei... O primeiro rei... Olhem o que fizeram comigo... OLHEM! -ordenou ao nada. E o nada obedeceu. Aeron se viu exposto, mesmo sozinho, e então se encolheu, desejando com todas as forças estar morto.*

*-Celeno, Celeno, minha querida Celeno... -se lamentou. -Nunca deveria ter te abandonado... Nunca... Nunca...*

*Sim. Era exatamente isso que acontecia.*

*Aeron estava tomado pelo arrependimento.*

*-Porque?! -voltou a berrar. -Porque?! Porque vocês me traíram?! Eu era o seu rei! Era o seu rei... -as lágrimas tornaram suas palavras incompreensíveis. Mas isso pouco importava. Ninguém iria ouvi-lo, de qualquer maneira.*

Aeron estava sozinho. Completamente sozinho, abandonado por tudo e por todos. Não havia mais ninguém ao seu lado. Tinha sido abandonado pelos seus companheiros, seus subordinados, sua família, seus servos, seus escravos. Escravos miseráveis que não conheciam seu lugar. Escravos miseráveis que ousaram se levantar contra seu senhor. O maior de todos os senhores.

-Günther... Se ao menos você... Se ao menos você estivesse aqui... -suas mãos se fecharam ao redor de objetos intangíveis, buscando algo no que se firmar. Buscando o seu suporte. Sua arma. A arma mais poderosa de todas. -Günther, você também está sofrendo, não está? Também te aprisionaram, não foi? Eu sei que foi. Você jamais me trairia. Jamais me daria as costas. Eles nos separaram, Günther. Me tiraram de você e tiraram você de mim. Oh, eu sinto muito, Günther. Eu sinto tanto... -novamente, Aeron elevou seus berros às alturas. -Eu nunca deveria ter me separado de você. Eu fui um tolo, Günther. Um grande tolo. Como eu pude pensar que poderia ser alguém sem você ao meu lado? Nós dois somos um só. Somos duas metades do mesmo demônio. As duas faces da destruição. Eu não posso destruir nada sem você, Günther, e você não pode destruir nada sem mim. Somos um só. Como pude pensar que poderia fazer isso sozinho? Oh, Günther...

E foi então que Aeron, a grande besta movida por ódio, sentiu algo se transformar dentro de si. Aeron havia experimentado várias transformações ao longo de sua existência. Antes, ele não era nada. Do nada que era, tornou-se uma entidade. De uma entidade, tornara-se palpável. E do palpável, tornou-se humano. Mas as transformações não pararam por aí. Depois de humano, ele foi banido. Uma vez banido, tornou-se ódio. E do ódio, virou um demônio. E foi aí que Aeron começou a crescer. Suas asas uma vez arrancadas, asas puras e brancas, voltaram a crescer em suas costas. Mas dessa vez, eram asas feias e cinzentas. Suas mãos suaves, capazes de criar vida, retorceram-se em garras vorazes, ávidas por matar. E seu coração puro, uma vez maculado, tornou-se negro. Mas tão negro, que transformar-se num simples demônio não fora o bastante para ele. E foi então que Aeron tornou-se Asura. Não um Asura, um demônio de elite, mas sim o único ser realmente digno de receber o nome da encarnação da fúria e da destruição. Aeron era o único Asura, e portanto não havia sentido em separar os dois nomes.

Sim, Aeron já havia mudado antes. Mas era a primeira vez que a mudança, dessa vez, o levava não a um futuro sombrio, mas sim a um passado nostálgico. Aeron passou os braços ao redor de si mesmo, relembando épocas passadas. Épocas em que sua raiva, amainada, ainda não havia lhe roubado o dom do raciocínio, da lógica e do pensamento humanos. Época em que seu coração de caído ainda não tinha tomado o lugar do seu cérebro, ditando seus gestos e comandando o seu corpo, como acontece com uma criança mimada ou com um animal faminto. Aeron estava se lembrando dessa época, e quanto mais se lembrava, mais o fogo que ardia em seu peito diminuía, dando lugar a pensamentos que tinham morrido no tempo. A mente de Aeron, antes cheia de fumaça e barulhos, agora estava clara como o dia. Ele estava lúcido. Depois de

*tanto tempo, Aeron estava lúcido.*

*-Esse é o grande mal dos humanos, não é mesmo, Günther? -murmurou, conforme sua consciência apagada voltava a se alastrar pelos seus neurônios, empoeirados com o tempo. -Os humanos pensam. E o pensamento leva sempre para o mal. Talvez seja isso que faltava em mim, não é mesmo? Um pouco mais de pensamento. Afinal, se o pensamento leva à destruição, o que o destruidor de Asura estava fazendo, ao deixar que seu coração em chamas ditasse as regras, não é mesmo? -ele suspirou. Seu corpo em agonia ainda estava sofrendo. Mas agora que via as coisas com clareza ele podia suportar a dor. Talvez sempre pudera.*

*Afinal, demônios não sentem dor.*

*O motivo de seu sofrimento nunca fora aquela dor ridícula. Nunca foram aqueles anos de dor extrema, abandonado nas trevas sem poder voar. O seu sofrimento vinha de outro lugar. Vinha de uma dor que habitava um local impalpável. Um lugar presente desde a época que Aeron era apenas uma entidade. Um local que agora pulsava e ressoava com seu coração negro. Uma dor totalmente psicológica.*

*-É isso, não é? Essa dor nunca existiu. Sempre esteve dentro da minha cabeça, mas eu era burro demais para perceber, não é, Günther? Essa dor sempre esteve dentro de mim, nas profundezas. Nunca no exterior. Meu corpo de aço não sente dor. Ela sempre esteve lá no fundo, de forma que não adianta agredir o que está do lado de fora.*

*Por um tempo indeterminado, Aeron refletiu no vazio.*

*-Eu ainda estou vivo. -concluiu. -Eu ainda estou vivo Günther, e se eu estou vivo, você também está. Você é minha outra metade. Não poderiam acabar com você sem acabarem comigo antes. Assim como não poderiam acabar comigo sem acabar com você. Você ainda está vivo, em algum lugar por aí, não é? -ele cerrou seus punhos. -Também te prenderam em algum lugar sombrio e estúpido como esse? Também acharam que poderiam segurar a arma de Aeron, o destruidor de Asura? São todos tolos, não são, Günther? Até mesmo ela. Ela é a mais tola de todos. -ele suspirou. -Estou cansado de tudo isso. Estou realmente cansado, Günther. Acho que já está na hora de mostrarmos pra ela que isso ainda não acabou. Está na hora dela perceber que não tem como acabar.*

*Aeron abriu suas asas e ficou em pé no vazio.*

*-Eu estou saindo daqui, Günther. Vou sair daqui e vou encontrar você. Me espere só mais um pouco. Eu vou encontrá-lo e segurá-lo em minhas mãos. Chegou o momento de nos tornarmos um só novamente.*